

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

**O prazer de Descobrir**

Depoimento de Francisco Henriques



Vila Velha de Ródão, 2011

## O prazer de Descobrir

*À “geração do Tejo” que ajudou a moldar-me*

Este depoimento é constituído por curtos registos de vivências ligadas à descoberta da arte do Tejo e algumas implicações da sua descoberta para a arqueologia regional. Trata-se de um testemunho intimista sem grande rigor histórico nem cronológico.

Parece-me útil esclarecer o título do depoimento - O prazer de Descobrir. Descobrir, para mim, é o privilégio de ser um dos primeiros a identificar as manifestações humanas ou fenómenos sociais com que deparo durante a investigação.

É uma sensação de prazer e felicidade, quando contribuo para a identificação de um sítio, ou monumento, com importância arqueológica, como uma simples gravura ou pintura rupestre, ou para conhecer o

comportamento da ocupação territorial do homem numa região, num determinado período histórico.

É o prazer de construir hipóteses explicativas, abandoná-las de seguida e erguer outras tão efémeras como as primeiras.

É o mesmo prazer infantil, tal como o era há 40 anos, quando pela primeira vez se andava num núcleo de gravuras, saltitando de pedra em pedra, a gritar:

- Aqui está um homem âncora.

- E aqui um zoomorfo, gritava outro.

Provavelmente, por isso, não tínhamos consciência do esforço. Era só prazer. O prazer que ainda hoje associo à descoberta. Este prazer de descobrir foi um dos ganhos resultantes da convivência com os jovens descobridores da arte do Tejo.

1. Era um adolescente de 15 anos quando, pela primeira vez, entrei em contacto com os descobridores da arte do Tejo. Foi em 1971, em Novembro, na gare da estação dos caminhos-de-ferro de Vila Velha de Ródão.

Ouvira dizer que uns estudantes de Lisboa tinham descoberto umas gravuras, muito antigas, na beira do Tejo, junto da estação dos caminhos-de-ferro de Fratel. E então, ao ver um grupo de pessoas estranhas na gare dos comboios, dirigi-me a um deles (Francisco Sande Lemos), perguntei-lhe se tinham sido eles a descobrir as gravuras e disse-lhe que também gostava de coisas antigas e que até tinha um grupo de amigos<sup>1</sup> com quem saía para o campo.

Não sei quanto tempo depois fui ter com o grupo à Pensão Castelo, levando-lhes fotos de alguns dos sítios por nós visitados.

---

<sup>1</sup> Grupo informal de jovens estudantes de Castelo Branco constituído por mim, João José de Oliveira Pires, Carlos Alberto Lopes Pinheiro, Viriato Manuel Lopes de Albuquerque e que em 1972 passou a designar-se de Grupo Amador Juvenil de Arqueologia (GAJA); mais tarde alargado com a entrada de novos elementos: José Manuel Valente Bispo, João Carlos Serrano Afonso de Almeida, João António Dias da Silva.

Este foi o início da minha relação de amizade com os jovens estudantes que identificaram os grafismos rupestres do Tejo.

2. Pouco tempo depois, no contexto do grupo, fui alcunhado carinhosamente de “bacaninha”. É provável que tenha sido um apadrinhamento do Victor Serrão ou da Teresa Marques, pelo tipo de relação e cumplicidade que estabeleci com eles.

3. O grupo estava hospedado na Pensão Castelo. Na época não havia outra em Ródão. A proprietária, a D. Maria, era tia do João Carlos. A pensão era um edifício com três andares. No rés-do-chão existia uma taberna e uma loja. No primeiro andar ficava a cozinha, a sala de jantar dos hóspedes e a zona residencial dos proprietários. No segundo andar situavam-se quartos.

Os jovens investigadores ocupavam o último piso. Por vezes eram os seus únicos ocupantes. Os quartos não tinham, naturalmente, ar

condicionado, o que os tornava frios no Inverno e quentíssimos no Verão.

Daqui saiam para o campo, de manhã ou de madrugada, todas as equipas, com um saco de sandes e bebidas - era o almoço. Regressavam ao escurecer para um jantar quente, preparado pela D. Maria.

Não tenho memória da minha primeira saída para o campo com este grupo, mas deve ter sido em 1972, nas férias da Páscoa ou nas férias grandes. Lembro-me de numa das saídas ter acompanhado o João Ludgero e uma outra pessoa, de que não recordo o nome, para visitar alguns sítios, indicados por mim, no aro de Ródão. Um dos locais visitados foi a Buraca da Moura do Penedo Gordo (Gavião). O João Ludgero observou a zona térrea da diáclase e depois subiu, com cabos, para um nível mais elevado. Aqui, pretendia-se identificar pinturas rupestres, como ainda hoje desejamos, ao percorrer a crista quartzítica, mas os resultados foram negativos.

Os acessos ao rio, onde os trabalhos se desenvolviam, eram muito difíceis ou inexistentes. Os carros ficavam a alguns quilómetros de distância das estações arqueológicas. Os intervenientes iam carregados

com comida, bebida, bidões de látex, material fotográfico e outro. No final da tarde, com os moldes debaixo do braço ou às costas, percorria-se o percurso inverso através das íngremes encostas e, chegados ao carro, sobravam pessoas e faltavam lugares. Cheguei a contar 13 pessoas comprimidas num Citroen Dyane, do Monte das Areias Brancas (zona de Perais) até Ródão. Por circunstâncias semelhantes chegou a haver problemas com a Guarda Nacional Republicana, de Ródão.

Durante o Verão, no fundo do vale, as temperaturas eram elevadíssimas. Valiam as águas refrescantes do Tejo, prática a que alguns resistiam tenazmente.

Na verdade, só um grupo jovem e motivado angariava forças para continuar no dia seguinte.

Anos mais tarde, em conversa com a mãe de um destes heróis, perguntava-me a senhora:

- A doença do Jorge [Pinho Monteiro] não terá sido causada pelo sol que apanhou no Tejo?

4. À noite, depois de jantar, ia juntar-me ao grupo na Pensão Castelo. Assistia à sua refeição e às longas discussões sobre as mais diversas temáticas. Estes debates, frequentemente, só terminavam no quarto de um deles. Mais raramente passeava-se, se era Verão.

Eram nestes serões que ouvia as guitarradas do António Carlos, com José Afonso a fazer parte do repertório, ou os curtos trechos da voz lírica de Helena Afonso.

Clandestinamente, nalgumas noites de sábado, ouvia-se a Rádio Voz da Liberdade, emitida de Argel. Para o efeito, ia buscar o rádio a minha casa, que ficava a duas ou três centenas de metros da pensão. Nestas audições o grupo era muito restrito, mas a presença do Victor e do António Martinho eram uma constante. Os ouvintes dispunham-se em semi-círculo, em frente do Telefunken Bajazzo Sport 105 que jorrava interferência intensa e voz pouco perceptível.

5. Particpei na primeira deslocação do GEPP ao Cachão de S. Simão (Nisa), estação onde foram identificadas largas centenas de excelentes gravuras. Fiquei imensamente feliz com a participação e, no final do dia,

na inocência e ousadia dos meus 15 anos, pedi que me deixassem fazer uma notícia para um jornal regional. Fui autorizado e redigi, numa folha de papel de 25 linhas azul, uma pequena notícia manuscrita que entreguei na sede do Jornal Reconquista, em Castelo Branco.

A notícia, subscrita por Francisco José, saiu em 16 de Setembro de 1972<sup>2</sup>, com o título *Reconquista Revela: Ródão (Fratel - Perais) - Museu Mundial de Arte Rupestre*, mas foi severamente truncada pela redacção do periódico. A redacção transformou gravuras em pinturas, implantaram grutas nas margens do Tejo, além de outros pormenores. Por tal facto fiquei muito envergonhado com este meu primeiro artigo e sempre o tentei esquecer, propositadamente. Ainda hoje não consta da minha bibliografia.

Analisando o acontecimento, à distância de 39 anos, observo quão pedagógico e magnânimo foi o gesto do GEPP. Quem o faria agora? Proporcionar a um jovem a possibilidade de dar uma primeira notícia de tão importante descoberta. Estou certo que este consentimento teve enorme repercussão no meu futuro e no prazer que igualmente retiro em estudar e divulgar o passado.

---

<sup>2</sup> Ver reprodução do artigo mencionado.

É provável que o pedido anterior tivesse a ver com a forte relação de amizade que estabeleci com o Victor Serrão e ao facto da sua palavra de ordem ser: “*publicai! Publicai!*”. É mesmo possível, pelo tipo de vocabulário usado, que o Victor me tenha ajudado a redigi-lo ou o tenha corrigido.

Em 1973 o José Cardim veio também para Ródão, colaborar no levantamento da arte do Tejo. Ao contrário da generalidade dos participantes que tinham na Pré-História o seu principal interesse, com ele conversava-se mais sobre a época romana. Por este facto e na sequência da excelente relação que estabelecemos, eu e o João Carlos Caninas oferecemos-lhe um pequeno “livro” sobre os vestígios da época romana em Ródão, dactilografado e confeccionado artesanalmente por nós. Anos mais tarde este trabalho foi revisto, acrescentado e publicado<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> HENRIQUES, Francisco J. R. e CANINAS, João C. Pires (1978), *Estações Romanas de Vila Velha de Ródão - Notícia Preliminar*, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Castelo Branco.

<sup>4</sup> O Grupo Amador Juvenil de Arqueologia de Castelo Branco, *Época Juvenil*, Lisboa. [http://www.altotejo.org/acafa/docsN2/Grupo\\_Amador\\_Juvenil\\_de\\_Arqueologia.pdf](http://www.altotejo.org/acafa/docsN2/Grupo_Amador_Juvenil_de_Arqueologia.pdf)  
- *Mito e Realidade no Passado de Vila Velha de Ródão*, *Época Juvenil*, 4 de Abril, Lisboa. [http://www.altotejo.org/acafa/docsN2/Mito\\_e\\_realidade\\_no\\_passado\\_de\\_VVRodao.pdf](http://www.altotejo.org/acafa/docsN2/Mito_e_realidade_no_passado_de_VVRodao.pdf)  
- *Ermida de Santo António em Alfrivida - Perais - Vila Velha de Ródão*, *Época Juvenil*, nº 98, suplemento do jornal *Época* 952, 26 de Junho, Lisboa.

Pela mão e incentivo de um outro amigo, Luis Raposo, surgem em 1973 três pequenos artigos<sup>4</sup> do Grupo Amador Juvenil de Arqueologia (GAJA), num suplemento juvenil do jornal *Época*. Deve ter começado aqui o gosto pessoal pela divulgação do nosso património cultural.

6. Na época, a minha vida já não era fácil. Os meus pais precisavam da minha colaboração em várias tarefas agrícolas e para poder acompanhar qualquer um dos grupos de trabalho tinha que executar, previamente, os trabalhos familiares daquele dia. Deste modo, levantava-me muito cedo, às cinco horas da manhã, se era verão, e durante três horas, ou mais, tombava água à picota<sup>5</sup> na horta que os meus pais tinham no sítio do ribeiro do Enxarrique. A minha mãe, ou a minha irmã, complementavam o trabalho, regando.

Terminados esses trabalhos juntava-me ao grupo na Pensão Castelo e passava com eles o resto do dia, no campo. Se me demorava um pouco mais e partiam então ia a pé para a estação de Fratel, se era este o local de trabalho, ou na camioneta de carreira até à Várzea Preta e daí

[http://www.altotejo.org/acafa/docsN2/Ermida\\_de\\_Santo\\_Antonio\\_em\\_Alfrivida.pdf](http://www.altotejo.org/acafa/docsN2/Ermida_de_Santo_Antonio_em_Alfrivida.pdf)

<sup>5</sup> Método usado para tirar água de um poço. O termo picota é sinónimo de cegonha ou burra.

fazia o percurso, igualmente a pé, até ao Cachão do Algarve ou Alogadoiro. Para este último local tinha que esperar pelo ti Carepo<sup>6</sup> para transpor o rio e chegar, finalmente, ao Cachão de S. Simão.

7. Foi no contexto da arte rupestre do Tejo que vim a fazer um amigo, um grande amigo, o João Carlos Caninas. O João Carlos residia em Lisboa mas passava alguns dos seus dias de férias em Perais e em Ródão. Sempre que podia também acompanhava os elementos do GEPP para o campo.

Numa ocasião, por volta do ano de 1973, disse-me a sua tia:

- Hás-de conhecer o meu sobrinho, ele também gosta dessas coisas.

Mais tarde apresentou-me o João. Eu teria uns 15 anos e ele era um pouco mais novo.

Uns dias depois combinámos uma saída para o campo. O trajecto contemplava a Buraca da Moura do Penedo Gordo (Gavião), as minas

do Cobre, a Buraca da Moura do Açafal e a ponte do Cobre, por esta ordem. No dia aprazado saímos da pensão Castelo em direcção ao Gavião. A meio caminho, na curva do Bacelo, o João queixava-se de um pé, um sapato ferira-o. Propus que regressássemos, mas rejeitou essa proposta. Em compensação tirou o sapato e faz o resto do percurso descalço.

Quem conhece este itinerário sabe quão difícil deve ter sido andar descalço por entre matagal denso, sobre blocos angulosos de quartzito, altamente cortante, ou nos caminhos de terra batida. O modo como um jovem de Lisboa encarou e venceu esta adversidade prenunciava um adulto resistente, persistente e com uma profunda paixão pela arqueologia.

Esta saída de campo foi a primeira de várias centenas, ao longo das quase quatro dezenas de anos que se seguiram. E posso agora dizê-lo, preparou o pós-GEPP na região de Ródão - Nisa.

8. Em finais do ano de 1969 diversos jovens estudantes da Escola Comercial e Industrial de Castelo Branco juntaram-se, informalmente, e

---

<sup>6</sup> Barqueiro de Perais que colaborou, intensamente, com o GEPP.

começaram a visitar lugares, nos concelhos de Castelo Branco e de Vila Velha de Ródão, que a tradição popular referia como antigos e misteriosos. Unia-os a paixão pela aventura, relacionada com o passado, comum nos adolescentes. Entre eles não reinava espírito ou objectivos científicos.

Em 1972 este grupo de jovens passou a identificar-se como Grupo Amador Juvenil de Arqueologia (GAJA). O aparecimento de uma designação para este grupo de adolescentes deve ter sido fortemente influenciada pelo contacto com o GEPP porque, pelo menos um deles colaborava no levantamento da arte rupestre do Tejo.

Nestes anos, um dos papéis do GEPP, menos referido, foi o de ter contribuído para a orientação científica do GAJA. Esta articulação / colaboração permitiu que o ímpeto e o espírito (juvenil) de aventura dos seus elementos, comum à generalidade dos adolescentes, passasse a ser orientado para fins científicos, como a arqueologia, e surgissem, quase de imediato, os primeiros artigos na imprensa nacional e regional, como já referimos.

Em 1973, e nos dois anos seguintes, passei a coordenar a actividade de iniciação à arqueologia da Casa da Cultura de Castelo Branco. Esta

importante experiência permitiu proporcionar noções básicas de arqueologia a um vasto conjunto de jovens da região e deu origem, simultaneamente, a núcleos de investigação arqueológica no sul da Beira, nomeadamente em Castelo Branco, no Retaxo e no Rosmaninhal.

Quando em 1974 a cota da albufeira da barragem de Fratel passou a submergir as gravuras e o GEPP parou com o grosso dos trabalhos de levantamento, ficou em Ródão um conjunto de jovens com formação básica para iniciar o enquadramento arqueológico deste vasto complexo.

Em 1975, o GAJA passou a designar-se de Núcleo Regional de Investigação Arqueológica (NRIA), denominação que manteve nos 13 anos seguintes, passando em 1988 para Associação de Estudos do Alto Tejo. As mudanças de designação corresponderam também a alterações dos objectivos, dos métodos de trabalho, mais consentâneos com fins científicos, e do território, que passou a abranger os concelhos de Castelo Branco, Nisa, Vila Velha de Ródão, Proença-a-Nova, Idanha-a-Nova e mais tarde Oleiros.



Em 1980, como resultado da actividade desenvolvida na década de 70, surgiu a primeira contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa e em 1986 foi divulgada uma segunda contribuição<sup>7</sup>. Preparamo-nos agora para divulgar a terceira grande contribuição, na sequência da revisão do Plano Director Municipal de Vila Velha de Ródão, prova efectiva que os grandes objectivos foram atingidos.

**9.** À nossa volta, ao longo deste período, nasceram e morreram muitas associações que tinham o património como lema. Creio que o êxito para a sobrevivência da AEAT se deve à persistência dos seus associados, à coerência dos seus projectos de trabalho, ao facto de acreditarmos e gostarmos profundamente daquilo que fazemos e de não esperarmos recompensas.

---

<sup>7</sup> HENRIQUES, Francisco J. R. e J. C. Pires Caninas (1980), Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (1), Preservação, nº 3, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão, 67 p.; HENRIQUES, F. e J. Caninas (1986), Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (2), Preservação, 7, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão, 79 p.

Nunca vivemos enfeudados ao poder político e cremos que por esta razão temos sido, ao longo dos anos, arredados de recursos que vemos distorcidamente distribuídos.

Ao longo destas dezenas de anos e independentemente dos apoios, as realizações têm surgido, em várias frentes e com carácter permanente. E se tivermos a tentação de nos compararmos com outras associações verificamos uma grande diferença entre os recursos recebidos e os resultados obtidos que até apetece pedir responsabilidades a quem distribui tais recursos.

**10.** O GEPP, na área de Ródão, veio romper com um período de 60 anos de ausência de trabalhos arqueológicos, dignos desse nome, para dar início a um novo ciclo de intervenções ininterruptas. Disso são exemplo os trabalhos de investigação do Luis Raposo, ao nível do Paleolítico, do Mário Varela Gomes e do António Martinho Baptista relativos ao complexo de arte rupestre do Tejo e os promovidos directamente pela Associação de Estudos do Alto Tejo com o concurso de outros investigadores.

O prazer de descobrir  
Francisco Henriques

Pode então dizer-se que os participantes no levantamento da arte do Tejo exerceram cabalmente o seu papel, porque com a escassez de recursos e a dificuldade das tarefas que tinham pela frente cumpriram os objectivos. Creio que o sucesso esteve directamente relacionado com a qualidade dos meios humanos mobilizados, gente jovem, inteligente, entusiasta e que gostava muito daquilo que fazia.

Fui um adolescente privilegiado por ter privado com gente muito interessante que constituiu o GEPP. Gente muito nova, dinâmica, com diferentes formações académicas e de várias nacionalidades. Este caldo contribuiu, decididamente, para modelar a minha personalidade.

Foi também o convívio com estas pessoas que me contagiou o prazer / felicidade da descoberta, do que é novo ou raro para a ciência, e fizeram-no de modo tão perfeito que ainda hoje cala bem fundo.

Francisco Henriques

Membro da Associação de Estudos do Alto Tejo



Se houvéssemos de estabelecer o paralelo entre as grutas do Fratel e estas, diríamos que as primeiras são obra de discípulos e, as segundas, do Mestre. É que a distância que as separa é, realmente, extraordinária.

Parabéns, pois, a todos os jovens membros do «Grupo de Estudo do Paleolítico Português» pela feliz iniciativa de terem escolhido os bancos xistosos das margens do Tejo nesta região de Vila Velha de Ródão — cujo nome estávamos longe de pensar tivesse tão rigorosa aplicação — para a sua investigação.

Sem dúvida de que a este artigo muitos outros se seguirão falando das famigeradas «grutas» e, naturalmente, os responsáveis pelo Turismo, a nível Nacional, Distrital e Municipal, não tardarão em promover a sua conveniente protecção e o seu aproveitamento como centro de estudo e de Turismo que seria crime desperdiçar.

Não há dúvida de que Vila Velha está à ordem do dia e que também a parte sul da Beira Baixa foi extraordinariamente dotada pela natureza. Assim nós sabemos tirar todo o partido destas riquezas.

Estamos certos de que a descoberta destas «grutas» vai revolucionar o estudo da «Arte Rupestre», a nível mundial. O Povo Rodense quer registar o seu aplauso e a sua gratidão aos incansáveis amigos de Ródão, Vitor de Oliveira Jorge, Vitor Serrão, Maria Amaral, Francisco Sande Lemos, Jorge Pinto, António Martinho, José, Amália, Suzana e a todos quantos com eles colaboraram nesta árdua tarefa que resultaria numa conquista de imprescindíveis repercussões, para a nossa região e para o nosso país.

FRANCISCO JOSE